

CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO INICIAL DO ORADOR E O ENSINO DE LÍNGUA SEGUNDO QUINTILIANO

Natália SABIONE¹

RESUMO: Apesar de sua incontestável importância para o conhecimento da pedagogia antiga e até mesmo para a história e desenvolvimento da pedagogia ocidental, a *Institutio oratoria* de Quintiliano não tem uma tradução moderna e integral para o português. É visando contribuir com o preenchimento dessa lacuna que trabalhamos, em nosso curso de Mestrado em Lingüística na Unicamp, com a tradução dos três primeiros capítulos do livro I dessa obra. Neste artigo, faremos algumas considerações sobre a formação inicial do orador e o ensino de língua, temas que são tratados por Quintiliano nesses capítulos iniciais.

ABSTRACT: Despite its undeniable importance for the knowledge of ancient pedagogy and even for the history and development of western pedagogy, Quintilian's *Institutio oratoria* does not have a modern and full translation into Portuguese. In order to contribute to filling this gap, in our Master of Linguistics at Unicamp, we aim at translating the three first chapters (book I) of the *Institutio*. In this paper, we make some considerations concerning the orator's initial formation and language teaching, which are the subjects discussed by Quintilian in those initial chapters.

1. INTRODUÇÃO

Ocupado com a formação do orador na Roma imperial, Quintiliano² tece, na *Institutio oratoria*, considerações sobre como o orador deveria ser educado desde criança para que fosse capaz de se tornar tanto um profissional competente quanto, primeiramente, o que o autor chama de *uir bonus*. Quintiliano considera, de fato, que o cuidado com os costumes deve ser um dos eixos da formação de seu orador. Exige deste não só habilidade oratória, mas também todas as virtudes do caráter (cf. *Instit. orat.*, 1.Pr.9). Defende a fórmula preconizada por Catão, o Censor: o orador deve ser 'o homem de bem, capaz de discursar'. Para realizar essa formação, seria preciso muito mais do que treinar o aluno em técnicas de oratória, a exemplo do que faziam as escolas dos antigos mestres de retórica de tradição sofística.

Por ter herdado o ideal ciceroniano de orador, Quintiliano atribui à eloquência um poder que se pode dizer civilizador; ora, para ser capaz de exercer sua missão "civilizadora", o orador devia ter seu caráter fortalecido; além disso, precisava ter uma formação ampla, capaz de lhe fornecer mais do que apenas os conhecimentos necessários para que exercesse convenientemente sua função. Quintiliano confere, de fato, mais valor à formação de um homem moralmente bom do que àquela que tem por meta principal preparar um orador bem sucedido e vencedor de causas, como aquele formado segundo a educação oferecida pelos mestres da época. Assim, o autor visa à formação de um orador capaz, na formulação de Vasconcelos (2002) de não só *dizer*

¹ Mestranda em Lingüística no Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp.

² Quintiliano nasceu por volta do ano 30 de nossa era em Calagurris Nassica (hoje Calahorra, norte da Espanha), e faleceu por volta do ano 96 em Roma, para onde se dirigira ainda menino a fim de dedicar-se ao estudo da retórica e onde também foi mestre da disciplina por vinte anos.

bem, tecnicamente falando, mas também de *dizer o bem*. Preocupa-se, pois, antes com o homem que com a função a ser exercida por ele.

Em sua *Institutio oratoria*, considerada “uma verdadeira enciclopédia, uma grande ‘suma’ que sua época produziu para muito além do âmbito da eloquência” (Pereira, 2000, p. 25), Quintiliano pretende explicitar tudo aquilo que julga ser indispensável para a formação do orador, desde o berço até o término de suas atividades, “tratando principalmente de duas disciplinas ligadas à palavra na Antigüidade: a gramática e a retórica” (Pereira, 2003, p. 32). Entretanto, a *Institutio* não pretende compor um manual de ensino³, nem mesmo um tratado gramatical. A importância da obra se dá justamente pelo fato de documentar a tradição dos estudos gramaticais em seus inícios, tornando possível assim o contato com o que se produziu primeiro no Ocidente sobre doutrinas gramaticais em língua latina, raiz de toda reflexão sobre língua e linguagem que se deu posteriormente (cf. Pereira, 2000/2001, p. 371).

2. A FORMAÇÃO INICIAL DO ORADOR E O ENSINO DE LÍNGUA

Quintiliano afirma, logo no início do próêmio, que, apesar da insistência para que escrevesse algo sobre a arte oratória, durante muito tempo relutou, pois sabia que os autores mais ilustres, tanto gregos quanto romanos, haviam se dedicado à arte oratória. Entretanto, considera que não teriam dispensado maiores cuidados aos estágios iniciais da educação do orador, ou seja, aos estudos elementares. Tratava-se da formação do orador com o pressuposto de que os alunos estariam adequadamente formados em tais estágios⁴, sendo, pois, seu dever apenas dar os retoques finais, referentes à formação retórica propriamente dita⁵. Isso talvez ocorresse por não julgarem ser de seu encargo essa etapa inicial, ou, o que o próprio autor considera ser

mais próximo da verdade, por não esperarem reconhecimento⁶ algum de seu talento no que diz respeito a coisas que, embora sejam indispensáveis, são postas longe da ostentação, como se contemplam as fachadas das construções, mas os alicerces permanecem ocultos (*Instit. orat.*, 1.Pr.5).

Mas Quintiliano, por outro lado, acreditava que a arte da oratória abrangia tudo o que é essencial para o ensino do orador. Além disso, era, para ele, impossível alcançar um resultado favorável em qualquer tarefa sem antes passar pelos devidos estágios elementares. Afirma o autor: “... não me recusarei a descer a essas miudezas, as quais, se negligenciadas, não permitem que se chegue às maiores; se me é confiada a tarefa de formar um orador, eu começarei a ensiná-lo desde a infância, e não de outro modo” (*Instit. orat.*, 1.Pr.5). Essa preocupação em tratar sistematicamente da formação oratória

³ “Nos capítulos 4-9 do livro I da *Institutio*, Quintiliano se dirige aos *grammatici*, ‘aconselhando’, como diz, ‘aqueles que vão ensinar’ (*Instit. orat.* 1.4.17)” (Pereira, 2000/2001, p. 370).

⁴ Quintiliano, ao tratar daquilo que considera “o alicerce” da formação do orador, contempla a Gramática, negligenciada por muitos na época em favor da Retórica.

⁵ [...] *ita sunt exorsi quasi perfectis omni alio genere doctrinae summam “in eloquentia” manum imponerent ...* (*Instit. orat.*, 1.Proêmio.4).

⁶ Reconhecimento que era, no entanto, almejado por tais autores.

elementar parece ter sido uma peculiaridade de Quintiliano, dado que, como informa Bowen (1990, p. 276):

los autores que mayormente se habían ocupado de la problemática educativa – Isócrates, Platón, Aristóteles, Catón, Cicerón – apenas se habían tratado de los métodos de iniciación al proceso educativo y se habían dedicado, en cambio, a hablar más o menos someramente de la enseñanza superior. El primer tratado sistemático de la totalidad del proceso educativo, com especial atención a la etapa básica de la instrucción elemental, no aparece hasta finales del siglo I de nuestra era: nos referimos a la *Institutio oratoria*, escrita durante el reinado de Domiciano por el profesor de retórica más representativo de este período del imperio: Quintiliano.

No livro I, Quintiliano expõe, então, como deve ser a educação do orador desde o berço. Pode-se dizer que se trata de “um programa pedagógico completo, abrangendo desde os primeiros anos da criança na escola – e mesmo antes da escola – até a formação do orador adulto” (Vasconcelos, 2002, p. 208). Afirma, nos três capítulos iniciais, que essa educação deve começar em casa, sob a responsabilidade dos pais e servos domésticos, de maneira que a criança seja aí alfabetizada e receba os primeiros rudimentos do saber (cf. Pereira, 2000). Com isso, dominados os princípios da leitura e da escrita, é preparada para ingressar na escola do gramático (*grammaticus*) entre os 7 e 12 anos.

A língua é um instrumento de suma importância para o orador, dada a função social a ser desempenhada por ele. Quintiliano, tratando daquilo que considera “o alicerce” da formação do orador, ao qual se deve dispensar a atenção necessária, tece então considerações sobre questões referentes à aquisição da linguagem e ao ensino do latim e do grego.

No primeiro capítulo, o autor afirma que ensinar a falar bem não podia ser uma preocupação apenas dos mestres: cabia também aos pais, aos escravos que tomavam conta da criança e, inclusive, à ama de leite, preocupar-se com o processo de aquisição da linguagem:

Antes de tudo, que as amas não tenham uma linguagem incorreta, as quais Crisipo desejou que fossem, na medida do possível, filósofas, e decerto, quanto a situação permitisse, que delas fossem escolhidas as melhores. Na verdade, nelas, uma certa racionalidade vem em primeiro lugar, mas que também falem com correção. São elas que a criança ouvirá em primeiro lugar, são delas as palavras que tentará reproduzir por meio da imitação. (...)” (*Instit. orat.* 1.1.4-5).
Em relação aos pais, gostaria que eles tivessem de fato a melhor formação possível. E não me refiro somente aos pais; sabemos, pois, que a eloquência dos Gracos é em grande parte atribuída a sua mãe Cornélia, cujo discurso doutíssimo foi transmitido também aos pósteros através de suas cartas. Do mesmo modo, diz-se que Lélia reproduziu, em seu discurso, a elegância paterna, e o discurso de Hortênsia filha de Quinto, proferido junto aos triúmviros, é lido não só em homenagem ao sexo feminino (*Instit. orat.* 1.1.6).

Todos que estivessem em contato com a criança deveriam, pois, ser pessoas de bem e falar bem, para que a criança tivesse contato desde cedo e se acostumasse com tal linguagem e com um caráter exemplar. Isso atinge uma importância ainda maior porque, para Quintiliano, como assegura Vasconcelos,

as primeiras impressões da infância são as que se guardam com maior tenacidade (...), tal como a cor que primeiro tinge a lã branca não desaparece com a lavagem (...). E é essa preocupação com a educação do orador desde muito jovem que possibilita que se atribua a ele “o caráter próprio de um pedagogo” (Vasconcelos, 2002, p. 209).

Com relação ao ensino da língua latina e da grega, Quintiliano afirma que, de preferência, deve-se iniciar com o ensino da segunda, pois com a primeira a criança tem um contato maior e, assim, ela a aprenderá mais facilmente. No entanto, afirma que não se deve por muito tempo ensinar somente a língua grega: o ensino do latim não deve seguir de longe o do grego, mas deve acompanhá-lo⁷. Esse programa bilíngüe de educação, em que o grego tem geralmente papel principal, era comum⁸. “O grego, cuja difusão entre os Latinos era tal que, no tempo dos Césares, Juvenal havia de escrever, com algum exagero embora, que Roma era uma cidade grega...” (Pereira, 1991, p. 198).

Quintiliano expõe, também no primeiro capítulo, algumas considerações acerca do “talento” natural do aluno, que estabelece como condição primordial para que a educação oratória seja factível. No entanto, tal exigência não significa que Quintiliano esteja selecionando seus alunos; ao contrário, ele considera que “por natureza, as crianças são, em sua grande maioria, talentosas para falar e, se o seu talento desaparece quando crescidas, é devido ao pouco cuidado dispensado a ele” (Vasconcelos, 2002, p. 210). Assim sendo, ficava comprovada a importância de se preocupar com a formação oratória da criança desde cedo, para que seu talento não viesse a desaparecer por falta de estímulos.

Quintiliano considerava, além disso, que a educação das crianças não devia ser realizada de forma a impor-lhes tarefas. Era preciso tomar cuidado com aqueles que ainda eram muito jovens para amar os estudos, a fim de que não viessem a odiá-los prematuramente; o estudo deveria ser para eles, então, como um divertimento; tinham de ser questionados e elogiados quando fizessem um bom trabalho. Por outro lado, quando estivessem desestimulados, era necessário criar um clima de competição entre os alunos, fazendo com que acreditassem que seus amigos eram melhores, a fim de serem instigados a dar o melhor de si nas atividades propostas pelo mestre (cf. *Instit. orat.*, 1.1.20).

Quintiliano chega a tocar até mesmo em questões referentes à alfabetização propriamente dita. Segundo ele, seria melhor, por exemplo, que primeiramente os alunos fossem estimulados a memorizar as formas⁹ e os nomes das letras, para depois se dedicarem a aprender a ordem em que aparecem no alfabeto (cf. *Instit. orat.*, 1.1.25-26).

Só quando conhecer todas as letras é que a criança deverá ser iniciada na formação de sílabas, palavras e, finalmente, frases. As frases apresentadas à criança para a leitura devem sempre transmitir algum ensinamento. Os versos devem ser ensinados desde cedo. A leitura deve ser ministrada como se fosse um jogo (Cardoso, 2003, p. 167).

Com relação à leitura, Quintiliano recomenda alguns cuidados: deve-se exigir velocidade apenas quando a criança já estiver segura na atividade, pois, ao ser cobrada além de suas possibilidades, acaba errando e, com isso, perde a segurança no que

⁷ *Non longe itaque Latina subsequi debent et cito pariter ire (Instit. orat., 1.1.14).*

⁸ As escolas de retórica latina proliferaram, mas a filosofia e a ciência continuaram a ser ensinadas, ao pequeno número de alunos interessados, sempre em grego. Era comum buscar-se o complemento dessa educação em Atenas ou em outras cidades gregas, tal como fez Cícero, posteriormente, com seu filho Marco, e também Horácio (cf. Rocha P., 1991).

⁹ Nesse ponto, Quintiliano, antecipando-se de muitos séculos àqueles que se preocuparam com a adequação do material didático aos interesses da criança, refere-se a figuras de marfim, com o formato das letras, que devem ser entregues ao menino pequeno para que ele se habitue com as suas formas (cf. Cardoso, 2003).

efetivamente sabe (cf. *Instit. orat.*, 1.1.32-33). Acrescenta ainda que os versos apresentados à criança como modelo de escrita não devem conter sentenças ociosas, mas sim alguma orientação moral. Recomenda que os pequenos aprendam brincando os ditos dos homens notáveis e passagens extraídas principalmente dos poetas, pois considera que o aprendizado desses é mais agradável a eles (cf. *Instit. orat.*, 1.1.35-36).

Para Quintiliano, ainda, um mestre hábil devia, tão logo o aluno lhe fosse confiado, ter como tarefa inicial determinar sua habilidade (*ingenium*) e seu caráter (*natura*). A mais segura indicação do primeiro, em uma criança, seria o seu poder de memória, que devia ser rápido para entender o que se ensinava e fiel para fixar impressões do que recebia, além de revelar uma capacidade de imitação seletiva: a criança tinha de ser capaz de imitar o que aprendia, e não devia imitar, por exemplo, o comportamento das pessoas. Para Quintiliano, o aluno ideal era aquele capaz de absorver informações com facilidade, bem como de formular algumas questões. Mas ele devia antes seguir o professor, e não antecipá-lo, pois uma inteligência precoce raramente produziria frutos sadios (cf. *Instit. orat.*, 1.3.1-4).

No capítulo III, Quintiliano acrescenta que os alunos necessitariam de intervalos destinados ao descanso, pois o estudo era uma atividade que dependia da boa disposição do aluno para ser mais prazeroso e produtivo (cf. *Instit. orat.*, 1.3.8-9). Aconselha, todavia, que haja uma medida para os descansos, pois estes, se negados, criam ódio aos estudos, e, se oferecidos em demasia, o hábito da ociosidade (cf. *Instit. orat.*, 1.3.11). Para Quintiliano, o estudo deve ser, então, uma atividade prazerosa. As crianças não devem ser forçadas aos estudos, mas, ao contrário, esses devem ser atrativos para elas. O autor condena também os castigos corporais, recomendados inclusive por Crisipo, mestre da escola estoica a quem segue com frequência, fortemente empregados tanto na educação grega quanto na romana como forma de o mestre firmar sua autoridade (cf. Rosa, 2005). Considera os castigos inúteis (cf. *Instit. orat.*, 1.3.14) e, além disso, afirma que se os mestres efetivamente conduzissem as crianças a cumprirem suas obrigações, não haveria necessidade de castigá-las (cf. *Instit. orat.*, 1.3.15).

No Livro II¹⁰, Quintiliano faz considerações acerca das leituras que devem ser escolhidas para serem trabalhadas em aula¹¹. Segundo ele, devem ser selecionados autores que, ao mesmo tempo, estejam entre os clássicos e cujo estilo seja acessível aos alunos. Deve-se tomar cuidado também para que não se escolham somente autores muito antigos. Entretanto, afirma ser necessária uma certa prudência com os modernos. Considera essa “mescla” muito proveitosa, desde que se assegure o senso-crítico, o *iudicium*, visto que a construção dessa importante categoria no aluno é uma das principais metas da sua pedagogia.

¹⁰ Nesse livro, o tema abordado por Quintiliano é o papel do mestre de Retórica. Nesse momento, o autor apresenta uma metodologia a ser desenvolvida por aquele profissional. Esse trecho apresenta também algumas questões que, apesar de não se referirem mais à educação do orador enquanto criança, mais especificamente ao ensino dos rudimentos da leitura e da escrita, do qual tratamos até o presente momento, estão ligadas ao ensino de língua, e que, em certo sentido, já mostram a finalidade dessa formação elementar.

¹¹ Quintiliano faz, no décimo livro, uma relação dos principais autores gregos e latinos que devem ser utilizados na formação do orador. Suas escolhas exerceram influência na decisão sobre aquilo que seria conservado ou não nas épocas de grandes destruições e guiou as escolhas feitas por monges na Idade Média dos livros a serem utilizados na educação dos jovens. Influenciou também os humanistas e até hoje nossas escolhas são feitas, sem que percebamos, levando em consideração suas preferências (cf. Carpeaux, 1959, p. 16).

A pedagogia de Quintiliano visa, como ele mesmo afirma, à formação de um aluno que seja ele mesmo capaz de buscar o conhecimento (cf. *Instit. orat.*, 2.5.13). O ensino deve, então, ser direcionado para um fim, que é a independência do aluno, para que o mesmo não precise ser guiado para sempre.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões pedagógicas presentes na obra de Quintiliano, autor considerado inovador para sua época por focar um período da educação antes posto de lado e por tratar algumas questões de maneira diferenciada, são bastante relevantes. Ao falar da relação professor-aluno defendida por Quintiliano, chegou-se mesmo a afirmar dele:

quem deu ao mundo moderno o ideal do mestre-escola humanitário e indulgente, vivamente interessado pelo bem-estar e progresso dos seus alunos, em lugar do pedante irritável que aterrorizava suas vítimas com castigos. O mundo moderno foi incapaz de acrescentar muita coisa à idéia do bom mestre-escola de Quintiliano (Balsdon, 1968, p. 211).

O objetivo deste artigo é apenas tecer considerações sobre algumas questões presentes na *Institutio*. Entretanto, o estudo sistemático dos temas tratados por Quintiliano é uma importante contribuição tanto para se compreender melhor a formação da pedagogia antiga quanto para refletir sobre questionamentos atuais acerca do ensino de língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BALSDON, J. P. V. D. (org.) (1968). *O mundo romano*. Tradução de Victor M. de Moraes. Rio de Janeiro: Zahar.
- BOWEN, J. (1990). *Historia de la educación occidental*. Barcelona: Herder.
- CARDOSO, Z. A. (2003). *A literatura latina*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes.
- CARPEAUX, Otto Maria (1959). *História da literatura ocidental*. São Paulo: Brasiliense.
- COUSIN, J. (org.) (1975). *Quintilien: Institution oratoire*. Vol. I. Paris: Belles Lettres.
- PARATORE, E. (1987). *História da literatura latina*. Tradução de Manuel Losa. Lisboa: Gulbenkian.
- PEREIRA, M. A. (2000). *Quintiliano gramático: o papel do mestre de Gramática na Institutio oratoria*. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP.
- _____. (2000-2001). "Quintiliano e a gramática antiga", in: *Classica – Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, vols. 13\14, pp. 367-373.
- _____. (2003). "O conceito de 'uso lingüístico' em Quintiliano", in: *Línguas e instrumentos lingüísticos*, vol. 11. Campinas: Pontes, 2003.
- PEREIRA, M. H. R. (1991). *Estudos de história da cultura clássica*. Vol. II: cultura romana. Lisboa: Gulbenkian.
- ROSA, M. G. (2005). *A história da educação através dos textos*. São Paulo: Cultrix.
- VASCONCELOS, B. A. (2002). "Quatro princípios de educação oratória segundo Quintiliano", in: *Phaos – Revista de Estudos Clássicos*, vol. 2.